



XI Congresso Brasileiro em Agroecologia – Onde os saberes populares encontraram-se com a ciência

Islandia Bezerra¹, Romier Sousa

¹ABA-Agroecologia, UFPR; ²ABA-Agroecologia/IFPA-Castanhais

“*A Agroecologia é chuva em terra seca*”! Assim falou Raimundo Rego, agricultor do Semiárido Nordeste ligado ao NEA Cajú/Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Agroecologia da Universidade Estadual do Piauí/ UNESPI), durante o I Encontro Nacional dos NEAs em 2017. Esta frase marcou nossa preparação do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia/CBA em Sergipe em 2019 (CBA do Nordeste, do Semiárido).

Com o lema “*Ecologia de Saberes: Ciência, Cultura e Arte na Democratização dos Sistemas Agroalimentares*” o XI Congresso Brasileiro de Agroecologia/CBA ocorreu entre os dias 04 a 07 de novembro de 2019 na região metropolitana da capital sergipana e nos trouxe momentos únicos inspirados por uma intensa riqueza cultural, regados com uma energia contagiante e alimentados com comida de verdade e agroecológica.

Nesse XI CBA o processo de construção coletiva da comissão organizadora local, junto com a diretoria da ABA-Agroecologia, teve que superar inúmeras e diferentes adversidades, para além daquelas vivenciadas no cenário nacional. Em meio a uma possível ruptura democrática e um completo desmonte das políticas sociais, sobretudo àquelas de apoio à agricultura familiar camponesa e agroecológica, foi nos territórios do nosso gigante Brasil que se iniciaram os preparativos para a realização do congresso. O CBA começou antes do começo!

A culminância pedagógica desse processo dialógico e transformador ocorreu com a presença marcante e diversa de 4.056 pessoas, oficialmente, inscritas e outras centenas que visitaram os espaços do congresso erguidos no seio da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Esse XI CBA também foi marcado pela diversidade das cores, dos credos, das lutas, dos gêneros, das gerações e das funções sociais que cada uma e cada uma cumprem na nossa sociedade.



Seguimos entrelaçando práticas, saberes e ideias entre cientistas das mais distintas áreas de conhecimentos, com os povos do campo, das águas, das florestas e das cidades, sendo agricultores e agricultoras, camponeses e camponesas, povos e comunidades tradicionais e povos originários em suas diversas expressões identitárias. Com satisfação, constatamos que do total de pessoas inscritas, 600 fazem parte desses segmentos sociais e culturais que participaram ativamente, não apenas como figurantes, mas como protagonistas, exercitando seu lugar de fala e construindo uma ciência verdadeiramente cidadã, crítica e que reconhece as diferentes epistemologias da produção do conhecimento.

Inspirados pela pedagogia Griô e pela pedagogia do Território, constituiu-se uma metodologia que enredou ciência, arte e cultura, num entrelaçar de fios e linhas, tecidos por mulheres e homens, chamadas de “fiandeiras”. Essa fiação sistematizou de forma singular os treze (13) temas centrais debatido durante o Congresso, que desaguaram nas plenárias interdisciplinares que nos desafiaram a romper com a perspectiva monotemática, e lançar novos olhares para a realidade vivida, ampliando nossos diálogos e compartilhando as convergências.

Este processo dialógico e – novamente – transformador, contribuiu para emergir novas visões e narrativas, para a formulação de novas questões coletivas e para vivenciar, trocar, aprender e desenvolver novas metodologias, pedagogias e referenciais de pesquisa no campo agroecológico.

O Congresso também ousou inovar com diferentes espaços de diálogos e reflexões como: “Terreiro das Inovações Camponesas” em parceria com a Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA), “Cozinha das Tradições”, “Casa dos NEAs/Núcleos de Estudos em Agroecologia”, “Festival Internacional de Cinema Agroecológico/FICAECO”, “Festival de Arte e Cultura”, “Território da Alimentação”, “Espaço de Cuidados Dona Chica” entre outros. Manteve como espaços já consolidados nos CBAs a “Feira de Saberes e Sabores”, “Plenárias Identitárias”, “Instalações Artístico-Pedagógicas”, “Atividades Autogestionadas”, “Conferências” e “Rodas de Diálogo”, e “Ciranda Infantil”. Espaços criados e autogeridos por diversas pessoas e/ou coletivos que exercitaram a ecologia de saberes de forma ativa durante



as vivências realizadas. Na inesquecível (e sugestiva) “Praça da Democracia” se registraram as expressões artísticas, culturais e políticas que movem a Agroecologia enquanto Ciência-Prática-Movimento. Certamente, saímos mais fortes deste espaço.

A Agroecologia no Brasil é uma realidade inquestionável e comprovada cientificamente. Seja mediante o registro na modalidade “pesquisa”, seja a partir da riqueza trazida na modalidade “relato de experiência” que incluiu tanto os projetos de extensões universitárias, como a experiência vivida no campo agroecológico pelas pessoas que não fazem parte do universo acadêmico. Os mais de 2.841 trabalhos submetidos tiveram sua apresentação em linguagem escrita e/ou audiovisual. Destes, 1.774 foram apresentados nas sessões dos *Tapiris de Saberes* e para cada sessão, os fios eram tramados pelas fiandeiras em uma sistematização rica, complexa e disparadora de novas questões de pesquisa, extensão, ensino e vida.

Essa constatação reforça que é nos territórios onde a Agroecologia pulsa! Apesar dos cortes no orçamento na educação, especialmente àqueles voltados à pesquisa e extensão nas Universidades, Centros de Pesquisas e Institutos Federais, nós que fazemos a agroecologia ser/estar, seguimos existindo, resistindo e produzindo um conhecimento científico pautado na Ciência da Agroecologia que - em essência -, preza pelo fortalecimento de uma Ciência Cidadã comprometida com as lutas emancipatórias, inclusivas e anunciadoras de novos caminhos para a Humanidade.

Todos estes registros vocês encontrarão nos Anais do XI CBA nesta edição dos Cadernos de Agroecologia. Desejamos uma excelente leitura e que sigamos construindo juntos e juntas.